



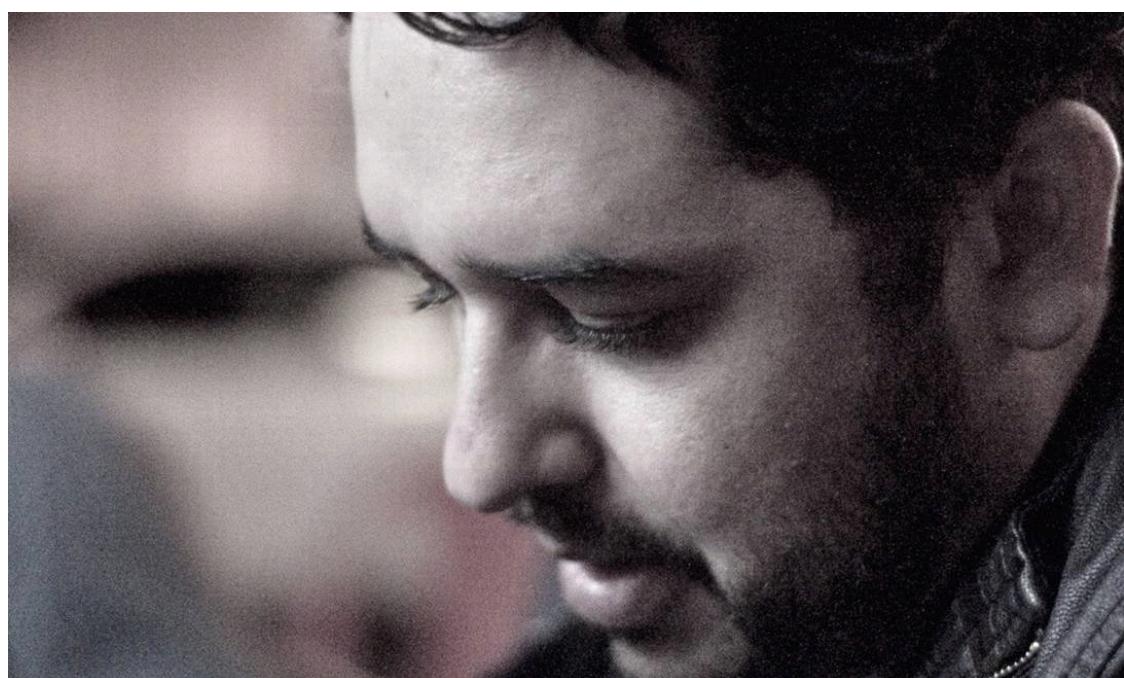
CULTURA

A síndrome do segundo romance

Quatro jovens autores que tiveram êxito no livro de estreia falam sobre a expectativa com o lançamento de nova obra

Mariana Filgueiras

16/09/2013 - 07:00



Wesley Peres, um dos escritores enfrentando o desafio do segundo romance Foto: Divulgação

RIO - Quando lançou o primeiro romance, em 2008, o carioca Flávio Izhaki ganhou o apostado de “promessa literária”. Bem recebido por público e crítica, o livro “De cabeça baixa”, curiosamente, contava a história de um escritor que teve seu primeiro livro chafurdado em críticas negativas. Desde então, Flávio participou de quatro coletâneas de contos e foi escolhido para integrar a antologia de literatura brasileira contemporânea da editora alemã Lettrétage, a ser lançada na Feira de Frankfurt, no mês que vem.

O que só faz aumentar a expectativa pelo seu segundo romance, “Amanhã não tem ninguém” (Rocco), que acaba de chegar às livrarias e costura seis tramas sobre finitude. Flávio, aos 34 anos, passa pela indefectível “síndrome do segundo livro”, que assola escritores (e cineastas, músicos) que tiveram êxito no primeiro trabalho. Ele não está sozinho: outros três jovens autores passam pela mesma apreensão. A carioca Ieda Magri, exaltada pela obra “Tinha um lugar aqui”, de 2007, vai lançar seu segundo romance, “Olhos de bicho” (Rocco), no próximo dia 24. A paulistana Andréa Del Fuego, que ganhou o Prêmio José Saramago com o livro “Os malaquias”, em 2010, acaba de lançar “As miniaturas” (ambos pela Companhia das Letras). E o goiano Wesley Peres, ganhador do Prêmio Sesc de Melhor Romance em 2006 com “Casa entre vértebras”, lançou, há apenas três meses, “As pequenas mortes” (Rocco).

— O primeiro livro é lido, analisado dentro de uma ótica de proteção. No segundo, a rede de proteção é retirada. Você não é mais o estreante. Seu livro é um livro na multidão e deve ser capaz de permanecer em pé quando analisado com os mesmos parâmetros de autores já consagrados. É uma pressão? Sim, mas não pode ser um fator quando o autor está escrevendo — compara Flávio, para quem o segundo romance, naturalmente, tem uma “ambição maior”.

Ieda não se preocupa com o fato de o próximo livro vir na sequência de um primeiro bem aceito. O romance, lembra ela, às vezes é o segundo por acaso, como no seu caso:

— Escrevo sempre, emendo um projeto de livro no outro, mas isso não quer dizer que o que eu escrevo tenha que virar um livro, às vezes pode ser somente exercício, limpeza, busca, erro, treino, enquanto algo que me anime não se forme — detalha a escritora catarinense de 36 anos. — Levei a sério a lição do (escritor chileno Roberto) Bolaño, que diz que é melhor escrever vários livros ao mesmo tempo, se um não der certo, você escreve o outro. Por enquanto me interessa experimentar o mais que posso, encontrar o equilíbrio entre uma linguagem casual, ágil, do cotidiano, e outra que tenha um pouco mais de tensão. Assim, posso dizer que o segundo aprofunda a investigação do primeiro.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Quando lançou o primeiro romance, “Casa entre vértebras”, em 2006, Wesley Peres “tremeu nas bases”: ele tinha a rotina de um psiquiatra atribulado, que escrevia nas horas vagas, e não sabia se o livro seria sequer percebido. Agora, que já consegue dedicar quatro dias da semana à leitura e à escrita (nos outros, atende seus pacientes), ele percebe que as indicações para prêmios (além do Sesc de Melhor Romance, foi indicado ao Portugal Telecom e finalista do Prêmio São Paulo) foram importantes para que ele continuasse a seguir a proposta de ruptura da linguagem do primeiro em “As pequenas mortes”, que aborda o delírio das pessoas que foram contaminadas pelo Césio-137 em 1987.

— Funcionou como índice de abertura para a recepção, como “romance”, de um livro que se serviu do rigor poético, palavra por palavra, linha por linha — acredita Wesley. — No segundo, também tremi nas bases. Porque a obra é uma estrutura aberta, e a recepção do livro não é controlada nem pelo autor nem pela estrutura da obra. Nenhuma estrutura por si só garante se o livro será ou não inscrito na inteligência e no coração dos leitores. Mas foi um tremor de uma outra estirpe: já sabia, pela experiência com o primeiro, que havia lugar no Brasil para romances que dialogam com a tradição de Beckett, de Virginia Woolf, de Joyce, de Rosa, de Campos de Carvalho, de Raduan Nassar.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Lúcio Cardoso e Raduan Nassar

Ele volta a Raduan Nassar também para explicar por que não acredita que um escritor seja construído à guisa do segundo ou terceiro romances:

— Lúcio Cardoso teve de escrever bem mais de três livros até produzir aquele que é um dos maiores que já se escreveu sobre a face da Terra, “Crônica da casa assassinada”, mas Raduan Nassar já estreou com “Lavoura arcaica”, provavelmente um livro ainda mais assombroso do que o do Lúcio Cardoso. Outra coisa que acontece é que um livro vai sendo lido e relido e, de repente, o primeiro livro de um autor pode se tornar o melhor, o mais importante da sua trajetória. É difícil prever o movimento da recepção do livro no futuro, que pode ser inclusive nenhuma, que pode ser ainda a de apequenar um livro tido por grande.

Andréa del Fuego, que no intervalo entre um livro e outro teve um filho, o que a fez mudar a maneira de encarar o tempo de escrita, chama o processo de caminhada do primeiro para o segundo livro de “infernal”:

— Há uma expectativa de se ter a mesma experiência da leitura anterior, coisa que jamais irá se repetir, será outra coisa, para melhor ou pior. Estou tentando errar menos a cada livro. Mas também não se pode dizer que há evolução de um livro para outro. Na literatura, cada livro inicia e termina seu campo nele mesmo, um não ajuda o outro — reconhece Andréa. — O primeiro romance foi um processo que envolveu memória familiar, havia referências seguras para os personagens. Mas a fonte se esgotou. Sabia que nunca mais voltaria para aquele caminho. “As miniaturas” começou num terreno mais desconhecido. Meu tempo diminuiu em 90%, os dez que sobraram eu utilizo com sede de monstro.

O Globo, um jornal nacional: Fique por dentro da evolução do jornal mais lido do Brasil

MAIS LIDAS NO GLOBO

1. **Bolsonaro diz na TV que seus filhos não 'correm risco' de namorar negras ou virar gays porque foram 'muito bem educados'**

O Globo, , e

2. **Lula deixará para seu sucessor dívida bruta de 64% do PIB, a maior dos últimos dez anos**

O GLOBO, , e

3. **Relembre as 50 frases mais polêmicas de Lula durante os oito anos de mandato**

Juliana Castro, , e

4. **Quais times brasileiros já ganharam o Mundial de Clubes; veja lista**

O Globo

5. **Paulinha Abelha tomava 17 substâncias que podem ter afetado seu fígado; saiba quais são**

O Globo

MAIS DE CULTURA

[VER MAIS](#)



[Portal do Assinante](#) • [Agência O Globo](#) • [Fale conosco](#) • [Expediente](#) • [Anuncie conosco](#) • [Trabalhe conosco](#) • [Política de privacidade](#) • [Termos de uso](#)

© 1996 - 2022. Todos direitos reservados a Editora Globo S/A. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem autorização.